
TV Universitária e Ciberaprendizagem: experiências estudantis na *web*¹

Rita Virginia ARGOLLO²
Betânia Maria Vilas Boas BARRETO³
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

As potencialidades educativas da cibercultura relacionadas às TVs Universitárias (TVU), na contemporaneidade, compõem a tônica deste trabalho. A apropriação de saberes e a autonomia da Geração Digital, representada pelos jovens estudantes, estimula novas perspectivas de se pensar processos de aprendizagens direcionados a uma ideia de Ciberaprendizagem. Parte-se de experiências estudantis no âmbito da TV UESC (Ilhéus-BA) para refletir sobre as estratégias de construção de saberes das TVUs como TVs na *web*, discutindo suas possíveis fragilidades e competências educativas.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura; Geração Digital; Ciberaprendizagem; TV Universitária; TV *web*.

APRENDIZAGENS POSSÍVEIS NA WEB

Desde a sua criação, na primeira metade do século XX, a televisão passou por importantes processos de transformação e de adequação às tendências tecnológicas de cada momento. Ao poucos, foi incorporando artefatos que intensificariam a relação do público com este veículo. Vieram a cor, os recursos de linguagem e edição associados ao videoteipe e outras ferramentas audiovisuais, investimentos na programação, o controle remoto! Mas tudo isso ainda era pouco. O indivíduo que descobrira o potencial do *mouse* e do *touch screen* em suas variadas telas, e a capacidade de interconexão favorecida pela internet, não queria mais apenas um lugar fixo no sofá da sala de estar.

Em suas metamorfoses até hoje, quando já podemos ser interagentes (PRIMO, 2008), em torno da circulação ininterrupta de produção escoada para a *web* em diversas plataformas disponibilizadas para um público sedento por participação mais ativa em relação ao compartilhamento multimidiático, as emissoras de TV descobrem que podem fazer parte e lucrar com esse novo campo. A televisão assume outras nuances. Vem

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Doutora em Educação, Professora do Curso de Comunicação Social (RTV), UESC, e-mail: rvargollo@yahoo.com.br.

³ Jornalista, Doutora em Educação, Professora do Curso de Comunicação Social (RTV), UESC, e-mail: bete_vilas@hotmail.com

fazendo um grande esforço em se adaptar aos novos tempos e entra definitivamente no ciberespaço (LÉVY, 1999), adquirindo facetas diversas. Concomitantemente, a cibercultura (idem) proporcionou a criação de um ambiente em que os sujeitos podem fazer e participar ativamente da TV. Essa infraestrutura valoriza e solicita a participação dos sujeitos. As pessoas não querem mais apenas ver televisão, elas querem participar, fazer TV, falar de si, se sentir representadas em suas identidades. Esse contexto que foi sendo modelado com a proliferação do acesso à internet proporcionou um movimento inconsciente rumo a uma liberdade no acesso e produção do conhecimento e no contato com pessoas de qualquer parte do mundo. Os sujeitos estão gerando, transmitindo e reproduzindo sinais, disseminando o acesso à informação para redes de pessoas comuns, antes confinado aos grandes conglomerados de comunicação, às empresas detentoras do capital financeiro, aos governos, mercado globalizado e setores elitizados.

Estes sujeitos constituem os nós desta rede e, interconectados, formam a trama que liga indivíduos de todo o planeta. Essa trama é constituída de estruturas abertas, capazes de se refazer e de se ampliar de maneira ilimitada. E, nesse processo, vão se incluindo novos nós, que se integram aos outros, a partir do momento que compartilham de valores ou objetivos semelhantes. Essas pessoas são atraídas por interesses e objetivos comuns (CASTELLS, 2007). Desse encontro, surgem saberes, trocas, construções e também uma nova cultura que, como ressalta Santaella (2004), é aprendida e se manifesta tanto em objetos materiais, quanto em padrões de pensamento, incluindo, o patrimônio intelectual e legado dos seus grupos sociais, em um processo de aprendizagem e condicionamentos sociais, institucionais, sistema de crenças e padronização de condutas.

A cultura proveniente dos encontros em rede nos leva hoje a compreender o que foi posto por Lévy (1999), quando previa que a digitalização das informações faria do ciberespaço, no século XXI, o principal canal de comunicação e suporte para a memória da humanidade. Seja como forma de construir ou acessar a sua memória, ou em busca do encontro com o outro, o ciberespaço fomenta o florescimento de uma cultura que alterou os paradigmas de juventude. O sentido de cultura foi alargado, com um novo jeito de viver, redefinindo padrões assimilados e partilhados socialmente relacionados aos códigos culturais, valores, comportamentos, condutas, conhecimentos e maneiras de convivialidade em grupo etc (TAPSCOTT, 1999).

Tapscott (ibid.) destaca que o mais importante é que esta cultura advinda do ciberespaço surge do uso da mídia digital interativa pelos jovens e faz o alerta para que

fiquemos atentos a este uso, uma vez que essas experiências nesse espaço prenunciam a cultura que criará futuros líderes no mercado de trabalho e na sociedade. Extrapolando a ideia do autor, compreendemos o espaço de comunicações proporcionado pela internet também como um amplo e rico ambiente de aprendizagens. Tanto pela possibilidade de colaboração entre os pares, quanto pela riqueza de conteúdos que oferece, ou pela autonomia que favorece, é relevante pensar sobre essa rede virtual globalizada mais próxima das experiências educativas.

O aprendizado a partir do uso da *Web 2.0* pressupõe a utilização de ferramentas facilitadoras da criação de conteúdos e disponibilização na rede. Qualquer sujeito produtor torna-se um professor ou estudante informal, tendo um papel fundamental como guia e regulador de aprendizagens para quem toma contato com seus conteúdos, virtualmente. É importante deixar claro o quanto o potencial do ciberespaço, à disposição do estudante, proporciona um fluxo de aprendizagem que independe de um guia, um mestre. O jovem é movido pelos impulsos inerentes à Geração Digital, em ambientes virtuais de aprendizagem que lhes possibilita interagir com os conteúdos, aprofundá-los à sua maneira, elucidar questionamentos, dirimir problematizações, proporcionar construções de conhecimentos colaborativo e de interajuda, articulando parcerias para projetos e trabalhos grupais, a distância, em uma nova proposta organizativa e de gestão de trabalho, desaguando numa autorregulação da aprendizagem (VIANA, 2009).

Este processo não representa nenhuma inquietação para a juventude que nasceu com o desenvolvimento do mundo digital. Para uma geração que cresce tendo maior proximidade com essa tecnologia, a chance de assistir à TV na *web* significa ter sempre à disposição, para ver no horário mais conveniente, os produtos que lhe interessa, tanto os programas veiculados pelos canais convencionais, quanto as produções que só encontra na *web*. Essa inédita relação com o conhecimento proporcionada pela ciberaprendizagem (ARGOLLO, 2012) se instaura na medida em que o sujeito se dispõe ao exercício da autonomia e ao apoderamento das dinâmicas de construção no ciberespaço. Por isso, pode-se afirmar que a ciberaprendizagem encontra-se em consonância com as exigências do cenário contemporâneo. Esse contexto provoca inquietações e leva a reflexões em torno das mudanças no jeito de fazer e consumir TV. Provoca, ainda, questionamentos acerca das maneiras como vem sendo produzida e difundida a TV na *web* e das formas de aprendizagens que esta ação pode potencializar.

Essa conjuntura digital fez florescer um ambiente propício para a expansão de vários espaços televisivos virtuais, como as TVs Universitárias – emissoras ancoradas na perspectiva educativa dentro de uma estrutura formal de instituições de ensino superior (IES). As TVUs se constituem em espaço alternativo e com configurações próprias, sendo campo aberto para inovações e que adentra na cultura virtual como dimensão de apropriação de dinâmicas e cadeias produtivas. Essas TVs, comumente, carecem de apoio, tanto porque a concessão de canais abertos depende de influência política, quanto por se tratar de empreendimentos de alto custo para as instituições de ensino. Muitas delas encontraram na internet campo fértil para o fluxo de suas produções.

As TVUs estão envolvidas com a criação de materiais audiovisuais em diversos formatos e gêneros, buscando liberdade de experimentação e forte participação estudantil. Estas TVs funcionam, em grande medida, como uma espécie de laboratório e tem como premissa estender à comunidade universitária e de fora dos *campi* os benefícios do conhecimento que é produzido pela academia. Uma TVU pode veicular seus programas em canais abertos ou fechados, por meio de circuitos internos de TV e também pela internet (MAGALHÃES, SD). E é, conseqüentemente, ambiente privilegiado de aprendizagens formais e informais múltiplas para seus participantes e os seus públicos diversos. Mas, de quais maneiras essa apropriação se dá no âmbito das rotinas de produção de uma TVU? Quais experiências e compartilhamentos tornam-se viáveis no âmbito de uma TV desta natureza? Quais conteúdos são possíveis?

É nessa ótica de possibilidades de aprendizagens no ciberespaço que focamos esse artigo, para identificar como esse ambiente virtual, e seu potencial educativo, está sendo utilizado para a ciberaprendizagem. Tomaremos a experiência da TV UESC, na tentativa de verificar de que maneiras uma atividade de extensão deste perfil cria imersão no ciberespaço, no sentido de identificar em que medida esta TVU vem se estruturando como uma TV na *web*, se e como a *web* vem sendo usada a favor deste projeto em suas diversas produções, e as evidências que podem conduzir à ciberaprendizagem de seus participantes e público.

Para entender melhor a forma como a TV UESC tem lidado com o intenso fluxo de audiovisuais na internet e de que formas tenta se estabelecer como uma TV na *web*, procuramos conhecer os espaços criados por este projeto na rede mundial de computadores. Foram observados e analisados os perfis no Instagram, no Facebook, e o canal no YouTube. A intenção é verificar se, de fato, os postulados de Tapscott se aplicam

à relidade da TV UESC, identificando as fragilidades que possam impedir o melhor aproveitamento.

Trilhando Caminhos: apropriações do ciberespaço na TV UESC

Criada desde 2004, na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, sul da Bahia, a TV UESC surgiu de uma demanda da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) no sentido de dar maior visibilidade às realizações dos diversos segmentos acadêmicos, em seu tripé de sustentação – Ensino, Pesquisa e Extensão -, além de, prioritariamente, voltar-se ao aprimoramento da formação discente dos graduandos do curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, da instituição. Para alcançar tal objetivo, foi preciso perceber o que era considerado como importante em termos de informação pela comunidade acadêmica, uma vez que não se fazia possível uma rotina de produção e exibição dos materiais, pois a TV operava, e ainda opera até hoje, em caráter experimental e não tem uma concessão de canal aberto.

Optou-se por adotar eixos temáticos que pudessem contribuir para o desenvolvimento regional. A aposta é na constituição de uma TVU voltada para a elaboração de produções, sejam ficcionais ou não ficcionais, com liberdade criativa, fomentando a produção de conhecimento, a divulgação de ideias e ideais, em que os parâmetros para a experimentação e para a busca de novas linguagens seguem o caminho dos estudos da comunicação, sem a imposição de limites. O receptor é visto como um participante ativo no processo de produção televisiva, uma vez que pode influenciar diretamente na elaboração dos enunciados imagéticos e ressignificar as mensagens por estar inserido no ambiente sócio-cultural, sendo consciente do seu aprendizado e de sua postura na criação cognitiva (ARGOLLO; BARRETO, 2008).

A proposta é que o aluno entenda a necessidade de se pensar o projeto de uma forma integral, participando e sugerindo elementos e composições para elaboração de novas estéticas e criação de roteiros. Na elaboração de cada produto, o estudante busca conexões com as discussões apontadas pelas disciplinas teóricas, encontrando, assim, no âmbito acadêmico, o espaço propício para as experimentações e hibridismos de linguagens inerentes a este tipo de produção. Porém, frequentemente, os procedimentos artesanais adotados para garantir a exibição da produção provocava transtornos, como variações de áudio e vídeo. Desse modo, foi intensificado o uso do ciberespaço.

Desde sua implantação, de alguma forma, alunos e professores vêm buscando, constantemente, alternativas diversas para difundir o material produzido. Em 2006, ainda sem conseguir pôr em prática a ideia do circuito interno de TV, foi criado um canal no YouTube. No início, apresentou problemas com as postagens do material, pois era necessário que a tevê obtivesse autorização da UDO – Unidade de Desenvolvimento Organizacional –, que cuida dos assuntos referentes à informática. Este procedimento tornava as postagens das produções um ato burocrático e lento.

Contudo, o tráfego de vídeos sobrecarregava a rede da Universidade. Com uma banda limitada, a administração superior implementara ações para não tornar excessivamente lento o trânsito de dados dentro do *campus*. Proibir o acesso a *sites* de vídeos e redes sociais estava entre as principais medidas. Na tentativa de minimizar a questão, um dos computadores da TV UESC foi desbloqueado pela UDO para acesso ao YouTube tendo, como único fim, as postagens dos vídeos do projeto. Posteriormente, a UESC aumentou a banda e liberou o acesso a este *site*. Desde que foi criado, o canal no YouTube veio evoluindo vagarosamente, com raras postagens, o que inviabilizava que o projeto avançasse por um espaço que poderia lhe dar visibilidade.

Foi quando um dos bolsistas, que ocupava a função de vídeorepórter, ansioso por mudanças, propôs dinamizar a programação com a criação da primeira série de ficção do projeto. O objetivo era que se conseguisse elaborar uma nova atração, algo leve e que chamasse a atenção do público, já seguindo a tendência de pensamento da equipe de realizar algo mais conectado com a linguagem da *web*. O programa de ficção se chamou Encena e deveria ser um material exclusivo do Canal no YouTube. Na sua primeira temporada, o Encena foi exibido logo após o *Universus*, o programa semanal que era apresentado de forma experimental em alguns locais da UESC. No entanto, a avaliação do grupo de professores e alunos que compõem a TV UESC é que ele parece ter chamado mais a atenção mesmo no YouTube.

O uso dos espaços da TV UESC na *web*

No intuito de ampliar as tentativas de melhorar a divulgação, em fevereiro de 2009, foi criado um perfil e uma comunidade no Orkut e, em dezembro de 2009, foram elaborados um *blog*, uma conta no Twitter e um perfil no Facebook, em janeiro de 2011. A implementação dos espaços da TV UESC na *web* trouxe novo ânimo para os integrantes deste projeto. Saber que o que é produzido chega até o público – e é, de alguma forma,

bem recebido – proporciona disposição para que se continue pensando a criação do audiovisual como cabe ao âmbito acadêmico, com linguagens inovadoras, estéticas experimentais e, sobretudo, que colabore com o amplo desenvolvimento das pessoas.

A alimentação desses ambientes nem sempre é satisfatória. No entanto, podemos registrar alguns períodos favoráveis. Durante o movimento de ocupação estudantil⁴, em que a TV UESC esteve voltada para a cobertura diária dos acontecimentos no *campus*, os vídeos postados totalizaram 94.134 visualizações. De 17/04/17 a 04/07/18 foram 239 postagens no Facebook, das quais 71 vídeos e o restante entre fotos, *gifs*⁵. Já no YouTube, foram disponibilizados 46 vídeos, entre 17/05/18 e 04/07/18. Nem todos os produtos que são veiculados no Facebook, vão para o YouTube. Assuntos de interesse da comunidade acadêmica são postados no Facebook, devido ao alcance maior para aos interessados do tema. Materiais voltados para os eixos temáticos do projeto vão para o YouTube. O Instagram⁶ teve como primeira intenção veicular o processo de produção do programa “Sou Cultura Afro”, realizado para o Canal Futura. A adesão do público foi positiva e percebeu-se a necessidade de expansão para essa rede social. Hoje, é uma das principais ferramentas, junto ao Facebook e o YouTube, de veiculação dos conteúdos que são escoados na TV UESC. As postagens nas redes sociais depois do “Sou Cultura Afro” aumentaram significativamente. Foram 148 no Facebook e 95 no Instagram até 04/07/18. Porém, o YouTube ainda não alcançou uma melhor sistemática de uso.

Os jovens que forçaram a ampliação desta TVU para a ocupação dos espaços proporcionados pela internet são representantes do que Tapscott (2010) chamou de Geração Digital, interagindo com suas várias telas, janelas e plataformas, simultaneamente. Sobre essa mudança de hábitos no que se refere ao consumo de produtos audiovisuais, Shirky (2010) segue uma linha de pensamento semelhante a de Tapscott, quando enfatiza o consumo a capacidade desses jovens em tornarem-se interagentes em seus percursos pela internet, mesmo consumindo materiais das TVs tradicionais. Sua participação é mais ativa com comentários, compartilhamentos e recriações de conteúdos com outros consumidores.

⁴ De 25/10/16 a 08/12/16. Esse período foi representado pela mobilização de estudantes universitários e secundaristas, em várias partes do país, na luta por uma maior democratização e melhorias na qualidade do ensino público no país.

⁵ *Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos. Tipo de imagem que permite intercalamento, dando a noção de movimento. Muito usada na internet.

⁶ Criado em 19/08/17.

É sob a ótica de Pretto e Silveira (2008) que enfatizamos a necessidade de que, no âmbito da educação, se busque explorar ao máximo a propensão da internet para promover o rompimento das amarras impostas pela indústria cultural, proporcionando novas formas de trocas de saberes, construindo bases para novas educações. O que é ressaltado por Brant (2008) ao afirmar que a educação pode ser um âmbito propiciador de autonomia e construção de consciência dos sujeitos aprendentes e é preciso saber constituir esse espaço educativo, para que ele não seja o reprodutor de estruturas ideológicas limitantes dentro de velhos padrões sociais pré-estabelecidos pela lógica comercial de consumo e produção de bens culturais.

Os argumentos de Brant (2008) reforçam o quanto é fundamental que se reflita sobre as potencialidades educativas que advêm do exercício da colaboração a partir da internet e o caráter libertador implícito neste contexto, que permite a percepção das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) como instrumentos que podem contribuir para que as pessoas conquistem autonomia política. Bonilla (2004) destaca que, no âmbito educacional, as experiências com o uso das TIC – especialmente, a internet – estiveram, durante muito tempo, associadas à busca de informações. Este comportamento demonstra a tentativa de manter, também com as tecnologias digitais, o tradicional modelo educativo comunicacional, transmissivo.

Como contraponto, a autora defende que também na escola possa se compreender a *web* como um ambiente de partilha, de aprendizagem e de produção colaborativa. Desta maneira, passa-se a falar em construção do conhecimento pelos pares que constituem uma comunidade de aprendizagem, com seus participantes refletindo sobre essa aprendizagem, suas representações, seus contextos sociais e cotidianidade. O que retira o confinamento do conhecimento a determinados nichos privilegiados, gerando um conhecimento a partir da própria comunidade que o produz (BONILLA, 2004).

Proporcionar que os jovens que integram a TV UESC estejam inseridos em um processo de produção de conhecimento baseado na partilha da produção colaborativa é estimular que cada um percorra seu caminho e que este trajeto esteja permeado de aprendizagens. Primo (2003) usa o termo cooperação como um avanço em relação à colaboração, uma vez que, para o autor, esta última expressão pode trazer a noção de colagem, sem considerar as discussões que ocorrem no processo criativo, enquanto um trabalho cooperativo pressuporia debate entre os atores envolvidos. A perspectiva deste

trabalho tecido com base na cooperação parece aproximar-se mais do que tem sido proposto pela TV UESC, da elaboração conjunta de saberes e aprendizagens.

Reafirmamos as ideias de Lemos (2010), ao sugerir que se entenda a virtualização como a instância que permite ler as coisas, mas que é imprescindível que se vá além, problematizando, atualizando conteúdos, escrevendo, produzindo novas materiais a partir de novas concepções. Em um panorama educacional pós-massivo, não cabe mais o papel daquele professor que acredita apenas em um modelo de ensino transmissivo. Na perspectiva cibercultural, educar ganha outros significados, como o de enfrentamento de desafios de inclusão dos sujeitos à cultura digital, processos estes necessários na formação tanto do docente quanto do discente (COUTO; OLIVEIRA; ANJOS, 2011).

O acesso a produtos audiovisuais de gêneros diversos e das mais variadas origens deve servir também para que os indivíduos façam suas releituras, reelaborem, ressignifiquem e se expressem. No que se refere à constituição do ser humano, é possível “[...] dizer que as tecnologias da informação e comunicação carregam uma dimensão pedagógica” (BONILLA; COSTA; VENTURINI, 2009, p. 500). Essa afirmação tem como base o fato das TIC trazerem uma pedagogia própria por possibilitarem acesso permanente a informações atualizadas, além de determinarem valores.

A habilidade para interagir com essas tecnologias tem levado a Geração Digital – e as gerações seguintes, a partir do incremento da cultura digital – a transitar com desenvoltura por ambientes virtuais, antes inimagináveis. Neste percurso, estes jovens fazem descobertas, criam produtos que são compartilhados com seus pares, descobrem novos *softwares* e as vantagens de suas aplicações, estudam, ensinam. A partir do advento e disseminação das TIC, o processo de ensino-aprendizagem tem sofrido alterações, passou a não mais depender diretamente do espaço físico da sala de aula e os instrumentos que podem estar à disposição dos estudantes favorecem a troca, o conhecimento comum. Entretanto, ainda que os jovens envolvidos com a TV UESC tenham desempenhado o papel de mola propulsora para os avanços no ciberespaço, nota-se o quanto esta construção que se inicia na esfera da internet se encontra ainda em bases fragilizadas.

Dificuldades e desafios da TV UESC na *web*

Estender as ações da TV UESC para a internet representou ganhos enormes para o projeto e seus integrantes. No entanto, a sistemática da rede requer uma dinâmica nem sempre possível de ser alcançada pelos bolsistas e professores que integram o quadro

desta tevê universitária. Apesar das vantagens do uso de redes sociais e *site* de compartilhamento de vídeos, a frequência em que estes espaços são atualizados não condiz com a lógica de sobrevivência no ciberespaço. A observação dos ambientes criados para a TV UESC na *web* permite que se conclua que, efetivamente, foram abertas várias frentes de trabalho, buscando explorar as potencialidades oferecidas pela rede para iniciativas do porte do projeto em questão. No entanto, nota-se também que parece ter faltado determinação para que se continuasse o trabalho com o empenho exigido. De uma maneira geral, o potencial disponível é subutilizado e alguns espaços sequer são reconhecidos como importantes.

Palacios (2002) entende que não há um modelo canônico para a produção *online*. Ressalta, contudo, as principais características deste tipo de criação: multimídia/convergência (convergência de imagem, texto e som), interatividade (capacidade de fazer com que o leitor/interagente se sinta parte do processo de produção), hipertextualidade (possibilidade de interconexão de textos por meio de *links*), customização do conteúdo/personalização (também chamada de individualização, é a possibilidade de configuração dos assuntos de acordo com o interesse de cada indivíduo), memória (viabilidade técnica e econômica de acúmulo de informações) e instantaneidade/atualização contínua (agilidade de atualização permitida pela tecnologia digital).

Uma vez que um *site* é criado, ele precisa seguir determinados parâmetros para que continue sendo acessado. A sua permanência no ciberespaço independe do número de acessos que tenha, mas a visibilidade necessária para a difusão de novos produtos e para a continuidade de investimentos em determinados projetos está associada ao interesse do público. Assim, é preciso considerar que a facilidade criada pelas tecnologias telemáticas para a atualização dos espaços na *web*, ao mesmo tempo que permitiu ao produtor autonomia para fazer circular suas criações, consumidor de produções nesta rede de computadores foi habituado a ter informações atualizadas ininterruptamente.

A instantaneidade deste meio de comunicação já chegou a ser apontada por estudiosos do jornalismo *online* como sendo a sua principal característica. “Já não é preciso esperar o jornal de amanhã ou o noticiário da noite. Em qualquer momento é possível acessar um webjornal e ler as notícias de interesse atualizadas” (MIELNICZUK, 2001). Portanto, o espaço comunicativo que não oferecer o novo está suscetível de ser esquecido. Entretanto, aquele que conseguir oferecer constantemente materiais e assuntos

de interesse do público conseguirá não só permanecer ativo na rede, mas obter propagação de maneira viral, a partir da indicação de um sujeito para outro e para suas redes, sucessivamente.

A despeito de diversos entraves, no que tange ao uso feito pela TV UESC, é possível afirmar que há uma notória tendência por parte dos alunos que fazem parte desse projeto à apropriação dos espaços proporcionados pela internet. No entanto, a utilização ainda é tímida diante do potencial que estes dispositivos oferecem e a alimentação depende muito do bolsista que está responsável por esta função.

O canal no YouTube foi uma iniciativa dos docentes, porém a alimentação com novas produções – a cargo dos alunos – sempre foi considerada um problema. Para a internet, a fim de entender como se deu a implementação desta tevê universitária como uma TV na *web* e analisar se a participação dos alunos representou papel fundamental para que este plano fosse realizado e se, havendo tal envolvimento por parte dos jovens, esta atitude potencializava alguma espécie de aprendizado. Tomando como base para esta reflexão os processos de criação e alimentação dos diversos ambientes criados na rede para este projeto, destacamos como fundamental neste percurso, principalmente, a participação dos alunos que atuam como bolsistas da TV UESC, pelas características que os identificam com a Geração Digital e pelo impulso que deram ao processo de conformação da TV UESC na internet.

No entanto, ao mesmo tempo, a efetivação de uma empreitada deste porte vem esbarrando em contratemplos – entre eles, inclusive, a falta de estrutura adequada –, os quais vêm engessando um pouco o desenvolvimento do que se planeja executar, levando à exploração insatisfatória do ciberespaço. Nesse sentido, considerando-se que se trata de um projeto de extensão de grande importância para a universidade, uma vez que atua em diversas frentes – difusão do conhecimento produzido pela instituição, suporte à formação profissional de alunos de Comunicação Social, espaço para a criação e experimentação de audiovisuais, produtor de materiais que possibilitam o arquivo digital memória da UESC, entre outras, – torna-se urgente que se reflita sobre o estado atual desta TVU, levando em conta a carência de professores para supervisionar os bolsistas, a fragilidade da estrutura física e os transtornos enfrentados pela equipe para a exibição dos programas por falta da estrutura adequada. Assim, a internet não será mais a única perspectiva de difusão, entretanto haverá mais e melhores condições para que a TV UESC se firme também como uma TV na *web*.

Considerações finais

Por várias razões, as TVs que emergem das universidades merecem ter seu valor ressaltado. Primeiro, por proporcionar ao estudante de Comunicação uma formação que dificilmente ele teria em outro âmbito de atuação, pois as lógicas do mercado têm regras estabelecidas e fixas, prontas para serem cumpridas, sem abrir espaço para variações, experimentações. Além disso, projetos com este propósito fortalecem os cursos de Comunicação aos quais estão vinculados, por aproximarem a prática profissional dos debates teóricos e por darem visibilidade para a instituição, a partir da aceitação pública de sua produção. Depois, por auxiliar o fluxo de informações no âmbito da universidade, entre os diversos setores, e desta para a comunidade externa – fortalecendo a extensão, uma das bases do tripé que sustenta o sistema universitário. Não faz sentido que a academia esteja voltada para a produção de conhecimento se este não chegue ao alcance da sociedade, beneficiando-a.

Compreender as lógicas de permanência de um veículo dessa natureza no ciberespaço é de fundamental importância, pois, muitas vezes, este parece ser o único caminho de veiculação das produções de TVUs. Contudo, simplesmente abrir frentes de trabalho na *web*, tendo diversos endereços que não são satisfatoriamente atualizados, pode resultar em efeito contrário ao desejado, já que o público valoriza os espaços que oferecem constantemente novidades e instantaneidade. Observa-se que as práticas desenvolvidas nesta direção carecem do cumprimento de uma rotina estabelecida, de constância, de tornar esta uma atividade sistemática. Tal necessidade aponta para um desafio institucional, no sentido de disponibilizar estrutura física e formação dos professores que possam lidar adequadamente com a formação desses jovens.

Por outro lado, uma vez que esse saber referente ao domínio de habilidades para lidar com o mundo digital não pode ficar restrito a um grupo de jovens que teve acesso a condições propícias para o desenvolvimento dessas capacidades, destaca-se também a colaboração entre pares para levar à propagação deste conhecimento a um número maior de indivíduos – um exercício tanto para aquele que aprende, quanto para quem está disposto a aprender. Despontam outras possibilidades de aprendizagem, que independem do ensino formal – chamada de ciberaprendizagem, é a produção e a disseminação do conhecimento no ciberespaço embasada em descobertas, encontros, compartilhamentos,

construção colaborativa e apropriação das tecnologias da informação e comunicação por parte dos jovens estudantes.

Nessa direção, o argumento principal aqui gira em torno da constituição da TV UESC como uma televisão na *web*, na medida em que as características da produção televisiva para esta plataforma envolvem comportamentos e perspectivas característicos de um processo educativo em sintonia com o mundo conectado. A cultura digital que é a cultura da Geração Net, impulsiona a TV na *web*. Esses jovens fazem TV com as ferramentas da *web*. Com o crescimento da internet, surgiu um movimento em direção aos *sites* de compartilhamento de vídeos. O YouTube, mais popular deles, aliado a outros instrumentos da *Web 2.0*, permitiu que os sujeitos que antes não tinham acesso a equipamentos de produção e canais de difusão encontrassem a chance de criar e tornar pública as suas criações. O ciberespaço é, assim, o ambiente de encontro de pares (mesmo distantes geograficamente), de trocas, favorecendo a cultura da participação.

De maneira ampla, as televisões vinculadas a instituições de ensino enfrentam problemas para a difusão dos seus materiais. As TVs Universitárias na *web* encontram o ambiente de difusão da sua produção. Acessível e livre de ônus, a internet permitiu a essas TVs o escoamento de seus produtos de maneira simples. Seja à disposição do grande público, sejam direcionados a nichos, os vídeos realizados por estudantes rompem fronteiras, permitem trocas e tornam esses projetos de extensão conhecidos, uma vez que os espaços virtuais agregam seguidores, pessoas com interesses afins.

A TV UESC busca aproveitar essa vantagem da *web*, mas enfrenta certos entraves. O grupo é pequeno, requer que a equipe esteja inserida na cultura digital, necessita intensificar a atualização e alimentar de conteúdo os espaços digitais. A TVU na *web* possibilita destacar as potencialidades para diferentes e renovadas práticas educacionais (modelo aberto, pós-massivo, de participação e colaboração). Dessa maneira, para uma universidade manter um meio de comunicação como este, é fundamental que haja dedicação de recursos financeiros e de pessoas capacitadas – e que a administração da instituição não interfira no processo produtivo, permitindo a liberdade de conteúdo e de criação. Além disso, é imprescindível que alunos e professores compreendam e vivam a cultura da participação, em que se enxerga os benefícios da colaboração e do compartilhamento, uma tendência natural da rede que impõe comportamentos mais solidários, com resultados positivos para uma coletividade. Caso contrário, qualquer que seja a criação para a *web* estará fadada à subutilização.

Por parte dos alunos, vê-se uma atitude sazonal de empenho e de dedicação aos ambientes virtuais da TV. Falta uma sistemática de atualização, uma perspectiva mais profissional, intensa. É preciso seguir a lógica da movimentação no ciberespaço para sobreviver na rede. Caso contrário, de nada adianta a abertura de tantas frentes de trabalho se, em nenhuma, efetivamente, há o empenho pela manutenção. Apontamos para a tendência da ciberaprendizagem, com jovens exercitando a autonomia, produzindo colaborativamente e, por meio do respeito mútuo, implantando novos processos de construção de conhecimento permeados pela cultura digital, conectados no ciberespaço e marcados por parcerias, sempre atuantes, críticas, reflexivas, preocupadas com a realidade social do meio em que estão inseridas e imbuídas da responsabilidade de colaborar com a melhoria da qualidade de vida de todos.

REFERÊNCIAS

ARGOLLO, Rita Virginia. **A televisão universitária na web**: um estudo sobre a TV. 265p. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2012.

ARGOLLO, Rita Virginia; BARRETO, Betânia. **TV UESC**: Uma proposta de Telejornalismo Voltada para a Cidadania e Experimentação de linguagens. Trabalho apresentado na modalidade comunicação científica, no Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e 11º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo (SP), de 18 a 21 de abril de 2008.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **As tecnologias da informação e comunicação estruturando novas práticas pedagógicas**. IX Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, 26 a 30 de outubro de 2004, Jaboticatubas, MG. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/epf/ix/atas/outros/Bonilla.pdf> Acessado em 03/12/11

BONILLA, Maria Helena Silveira; COSTA, Martha Benevides da; VENTURINI, Micheli. **TV Digital e Formação de Professores**. In: TENÓRIO, Robinson; LORDÊLO, José Albertino. Educação Básica: Contribuições da pós-graduação e da pesquisa. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRANT, João. **O Lugar da Educação no Confronto entre Colaboração e Competição**. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Orgs). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução Roseneide Venâncio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). 10ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

COUTO, Edvaldo S.; OLIVEIRA, Marildes C. de; ANJOS, Raquel Maciel Paulo dos. **Leitura e Escrita On-line**. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Lucca (Orgs.). Inclusão Digital: Polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011. v. 2.

LEMOS, André. **O que é Cibercultura?** Trecho do debate Educar na Cultura Digital. Bienal de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/educarede/search?query=andr%C3%A9+lemos+cibercultura> Acessado em 21/02/2012.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet:** Em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p. (Coleção TRANS).

MAGALHÃES, Claudio M. **TV Universitária: A televisão utópica.** (S/D) Disponível em: http://abtu.org.br/site/index.php?option=com_filecabinet&view=files&id=1 Acessado em 16/01/12.

MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na Web. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf Acessado em 10/11/11.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória:** Apontamentos para debate. Comunicação foi apresentada nas Jornadas de Jornalismo Online, organizadas durante os dias 21 e 22 de junho de 2002, no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior (Portugal). Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf Acessado em 10.11.11.

PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Orgs). **Além das redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto?** - Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/quao_interativo_hipertexto.pdf Acessado em: 03/12/11.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador:** Comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2008. (Coleção Cibercultura)

SANTAELLA, Lucia; [Coordenação Valdir de castro José]. **Culturas e Artes do Pós-Humano:** Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2ª Ed., 2004.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação:** Criatividade e Generosidade no Mundo Conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital:** a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. Tradução de Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1999.

_____. **A hora da geração digital:** como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VIANA, Joana. **O Papel dos Ambientes On-line no Desenvolvimento da Aprendizagem Informal.** Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Dissertação de Mestrado. 2009, 254p. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2086/1/21849_ulfp034652_tm.pdf Acessado em: 18/11/11.